FORMATURA DO
INSTITUTO RIO BRANCO
(2006-2008)

DISCURSOS
VOLUME 2

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

*Ministro de Estado* Embaixador Celso Amorim
*Secretário-Geral* Embaixador Antonio de Aguiar Patriota

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

*Presidente* Embaixador Jeronimo Moscardo

INSTITUTO RIO BRANCO

*Diretor-Geral* Embaixador Georges Lamazière

A *Fundação Alexandre de Gusmão*, instituída em 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores e tem a finalidade de levar à sociedade civil informações sobre a realidade internacional e sobre aspectos da pauta diplomática brasileira. Sua missão é promover a sensibilização da opinião pública nacional para os temas de relações internacionais e para a política externa brasileira.

Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo, Sala 1
70170-900 Brasília, DF
Telefones: (61) 3411-6033/6034
Fax: (61) 3411-9125
Site: www.funag.gov.br

# Formatura do Instituto Rio Branco
(2006-2008)

# Discursos
Volume 2

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

Brasília, 2010

Direitos de publicação reservados à

Fundação Alexandre de Gusmão
Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília – DF
Telefones: (61) 3411 6033/6034/6847/6028
Fax: (61) 3411 9125
Site: www.funag.gov.br
E-mail: funag@itamaraty.gov.br

**Capa:**
Cícero Dias. O Grande Dia / The Great Day, Paris, 1948 - OST - 70 x 160 cm - Coleção Banco Icatu - Rio de Janeiro

**Equipe Técnica**
Maria Marta Cezar Lopes
Eliane Miranda Paiva
Cíntia Rejane Sousa Araújo Gonçalves
Érika Silva Nascimento
Júlia Lima Thomaz de Godoy
Juliana Corrêa de Freitas

**Programação Visual e Diagramação:**
Juliana Orem e Maria Loureiro

Impresso no Brasil 2010

Formatura do Instituto Rio Branco : 2006-2008 : discursos. – Brasília : Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.
v.2
40p.

ISBN: 978.85.7631.201-7

1. Literatura brasileira – Discursos. I. Instituto Rio Branco.

CDU 821.134.3(81)-5(082)

Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional conforme Lei n° 10.994, de 14/12/2004.

# Sumário

Discurso proferido pelo Orador Secretário Marcus Vinicius Moreira Marinho, por ocasião da cerimônia de formatura da Turma 2006-2008 do Curso de Formação do Instituto Rio Branco, 9

Discurso do Secretário-Geral das Relações Exteriores e Paraninfo da Turma Heitor Villa-Lobos, Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, 15

Discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Celso Amorim, 21

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, 25

2006-2008

TURMA HEITOR VILLA-LOBOS

PALÁCIO ITAMARATY,
7 DE MAIO DE 2009

# Discurso do Secretário
# Marcus Vinicius Moreira Marinho

Excelentíssimo Senhor Luiz Inácio Lula da Silva, Presidente da República,

Excelentíssimo Senhor José Alencar, Vice-Presidente da República,

Excelentíssimo Senhor Embaixador Celso Amorim, Ministro das Relações Exteriores,

Excelentíssimo Senhor Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, Secretário-Geral das Relações Exteriores e paraninfo da turma Villa-Lobos,

Excelentíssimo Senhor Embaixador Fernando Reis, Diretor-Geral do Instituto Rio Branco,

Excelentíssimos Senhores Embaixadores,

Senhores diplomatas,

Ilustres colegas,

Senhores pais, familiares e amigos,

É com grande felicidade que, em nome da turma 2006-2008 do Instituto Rio Branco, venho saudá-los nesta manhã em que comemoramos o dia do diplomata.

Ingressamos na carreira diplomática em um momento de mudanças, neste Ministério e no mundo. Lá fora, o Brasil cada vez mais se afirma com desenvoltura e propriedade como interlocutor de destaque, em um ambiente internacional com número crescente de atores relevantes. Aqui,

esse destaque se reflete na necessidade de ganho no alcance do braço diplomático do Brasil.

Assim sendo, não faltam motivos para que nos orgulhemos e nos motivemos com as oportunidades da carreira que vem se abrindo para nós nos últimos três anos. É por isso que, em nome da turma "Heitor Villa-Lobos", a turma 2006-2008 do Instituto Rio Branco, eu gostaria de fazer um discurso de gratidão, de obrigados.

Senhor Presidente da República,

Em primeiro lugar, quero agradecer a Vossa Excelência por prestigiar mais uma vez esta cerimônia. Não é pouco cara a oportunidade que nos é dada, como turma, de ter voz pública, ainda mais na presença de Vossa Excelência. Estou certo de que a presença do Chefe da Nação é da mais alta honra para esta Casa, sobretudo para nós, formandos.

Gostaria de agradecer também ao Senhor Ministro de Estado. Dentro da orientação de Vossa Excelência, cumpre-se no Itamaraty a promessa de que sua administração seja pautada pelos três erres: reforma, rejuvenescimento e renovação. Acreditamos, como a maior turma na história do Itamaraty a passar por esta cerimônia de formatura, sermos também agentes nesse momento de transformação, e agradecemos por essa oportunidade.

Senhor Presidente,

Quando, em 2005, houve a decisão de aumentar os quadros da carreira diplomática em quatrocentos cargos e de distribuir tal aumento ao longo de apenas quatro anos, não foram poucas as preocupações, a aparecerem inclusive na imprensa, sobre a capacidade de acomodação no Ministério dos ingressantes nessas turmas de dimensões inéditas. Temeu-se pela qualidade da seleção e da formação desses profissionais. Afinal, no fim do processo, os novos diplomatas representariam mais de um quarto do total do universo dos diplomatas do Brasil.

Por isso, e por considerarmos a nossa parte do projeto bem-sucedida, gostaríamos de dedicar o terceiro dos agradecimentos que faremos à atuação do Instituto Rio Branco, que agiu de forma criteriosa na seleção, na orientação e no treinamento de tantas pessoas ao mesmo tempo. Das mudanças na prova de seleção às dificuldades ligadas à logística de aulas, salas e até

estacionamento, tudo isso foi equacionado na medida em que os problemas apareciam. Seria injusto não transmitir nosso agradecimento à figura do Embaixador Fernando Reis, diretor-geral do Instituto, que esteve à frente dessa difícil missão e deu uma resposta à altura, dando uma contribuição contínua e inegável à nossa formação e à nossa atuação como agentes públicos.

Senhor Presidente,

Se o momento é de democratização nas relações internacionais do Brasil, com a abertura de novas Embaixadas e representações e a remodelagem das estruturas da Secretaria de Estado, cremos que o aumento do quadro de servidores do Ministério das Relações Exteriores, projetado por Vossas Excelências, também tem um efeito diversificador, democratizante.

Ao falar do caso de nossa turma, para não ter de advogar em causa própria, permitam-me citar o depoimento de outra figura determinante no nosso período de formação, o Ministro Luís Henrique Sobreira Lopes, ex-vice-Diretor do Instituto, um homem afetuoso e amigo de todos: "No momento da aprovação, a idade dos novos diplomatas variava dos 21 aos 46 anos, com média de 28 anos e meio. Os aprovados se haviam graduado ou obtido pós-graduação em vinte e dois diferentes cursos. Procedem, ademais, de todas as regiões do país. Estas características repercutem de maneira extremamente favorável na qualidade da contribuição que trazem para o debate acadêmico no âmbito do Curso de Formação do Instituto Rio Branco, pela variedade de visões propiciada pela diversidade tanto da origem regional e cultural quanto das áreas de formação intelectual".

Adiciono outros dados: mais de 30% dos diplomatas da nossa turma já tinham Mestrado ou Doutorado quando ingressaram; a turma tem três ex-bolsistas do Programa de Ação Afirmativa do Instituto Rio Branco, o maior número aprovado até hoje num mesmo concurso. As grandes dimensões da turma permitiram que fossem criados e executados projetos, inéditos no Instituto, que receberam o firme apoio desta Casa, como o Rio Branco Cineclube ou a Revista Juca, periódico anual dos alunos do Rio Branco.

Cabe lembrar, que a partir do segundo semestre de aulas, assim como a turma anterior à nossa, foi-nos dada a oportunidade de trabalhar em meio expediente, como estagiários, nas diferentes unidades da Secretaria de Estado. Nas novas funções, fomos muito bem recebidos por nossos novos superiores e pudemos perceber o carinho e a compreensão que a Casa nos dedicou.

Certamente, nosso sentimento é o responder a isso com o sentido de missão mais agudo. Dessa forma, eu gostaria de dedicar nosso quarto muito obrigado a uma pessoa que, no nosso entender, representa a coragem e o esforço desta Casa de remodelar-se e adaptar-se, para assumir um papel mais protagônico e cada vez mais inclusivo. E que, com esse objetivo, recebeu-nos de braços abertos. Ao Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, paraninfo de nossa turma e que, com prazer, aceitou esse convite tão especial para nós, digo, mais uma vez: muito obrigado.

Senhoras e senhores,

Se a diplomacia é feita também de exemplos, a decisão de prestar homenagem ao grande mestre Heitor Villa-Lobos é uma tentativa de chamarmos a atenção para as múltiplas formas do projeto coletivo que cremos ser essa diplomacia. Sei que o grande compositor e homem dispensa apresentações, mas dedicamos a ele esse carinho especial pelo fato de, mesmo em posição de músico, ter aberto portas para o Brasil no exterior e, também, dentro do nosso território. Para fazer sua música, buscou misturar-se à sabedoria da música popular, dos chorões, dos indígenas, dos sons naturais. Acolheu diversos Brasis e soube mostrá-los tendo a si mesmo como instrumento. Não por acaso, Villa-Lobos reformulou o conceito brasileiro de nacionalismo musical, tornando-se seu maior expoente. Foi, também, através de Villa-Lobos, que a música brasileira se fez representar em outros países, culminando por universalizar-se. Assim, dedico nosso quinto obrigado ao Senhor Turíbio Santos, Diretor do Museu Villa-Lobos e Vice-Presidente da Academia Brasileira de Música, que nos dá a honra, neste dia, de representar aqui a memória do grande mestre e, agora, nosso patrono.

Senhoras e senhores,

Meu sexto e último agradecimento é pessoal e vai a todos os presentes, fisicamente ou em pensamento: aos que acreditaram em nós desde o início, especialmente pais, familiares e amigos, muitos deles passando por árduos sacrifícios para que estivéssemos aqui; aos professores do Rio Branco e aos mestres na carreira e fora dela, em diversos níveis, que seguem nos instruindo e inspirando; e a todos os colegas de turma lotados no Brasil e no exterior, os que estão aqui e os que, por força de suas responsabilidades no País ou nas

Embaixadas, não puderam prestigiar esta cerimônia. De toda forma, repito, estão aqui. Afinal, o melhor de fazer parte de uma turma como a dos Centuriões é ter noventa e nove amigos.

Muito obrigado.

# Discurso do Secretário-Geral das Relações Exteriores, Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães

Bom dia a todas as senhoras e senhores.
Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Dona Marisa Letícia,
Excelentíssimo Senhor Ministro de Estado, Celso Amorim,
e Sra. Ana Maria Amorim,

Queria cumprimentar, em primeiro lugar, todos os familiares dos formandos; os colegas Embaixadores; todos os demais colegas; a turma do Instituto Rio Branco e o seu Diretor, Embaixador Fernando Reis.

Agradeço a escolha como Paraninfo dessa turma do Rio Branco, a primeira da reforma, que representa um novo tempo. Essa não é uma homenagem feita a mim, mas à política externa conduzida pelo Senhor Presidente da República, assessorado pelo Senhor Ministro de Estado.

Esta é uma turma de diplomatas do Século XXI. O século XXI será, para nós, brasileiros, e para esta turma, um século muito diferente. Estamos diante de um processo de reconstrução do sistema mundial. Há alguns anos, o Senhor Presidente da República mencionou a ideia de uma nova geografia econômica e política no mundo. Na realidade, hoje a situação de crise leva a uma nova geografia, a uma nova distribuição do poder em nível mundial.

Em primeiro lugar, estamos diante de uma grave crise econômica, que decorreu de um processo de globalização e de desregulamentação acelerada

e irresponsável; de uma ideia de Estado mínimo, de que o Estado deveria se retirar da economia, e de preferência, desaparecer. Era a ideia do fim das fronteiras, o fim dos Estados nacionais.

Em segundo lugar, estamos diante de uma crise ideológica. A crise ideológica decorre do fato de que, durante muitos anos, a maioria dos Estados se convenceu de que o neoliberalismo era a teoria correta para a explicação do mundo econômico e do mundo político. Hoje, o mesmo Estado que iniciou esse processo de liberalização, de transformação da economia mundial, o Reino Unido, foi o primeiro a estatizar seus bancos. Estamos, portanto, diante de uma crise ideológica, que requer uma redefinição do capitalismo - talvez o "capitalismo do século XXI".

Em terceiro lugar, vivemos uma gravíssima crise ambiental, talvez a mais séria de todas as crises já que a crise econômica talvez seja superada em breve. A crise ambiental requer uma mudança do próprio modo de ser do sistema capitalista: a ideia do individualismo, a ideia da liberdade total dos indivíduos de escolher o que produzir e o modo de produzir. Esta é uma crise extremamente difícil de ser enfrentada e que tem consequências em todas as partes do mundo, inclusive no nosso território, sem que possamos enfrentá-la sozinhos. Temos de enfrentá-la em coordenação e em cooperação com os demais países, tanto desenvolvidos, quanto em desenvolvimento. A crise energética, vinculada à crise ambiental e ao modo tradicional de utilização da energia, é igualmente profunda.

Finalmente, há uma crise política, gerada pela emergência da China como grande potência internacional e pelo desafio de acomodá-la no sistema internacional. Isso inclui também a emergência de outros países, os BRICs, entre eles, o Brasil, que vem de ser reconhecido pelo prêmio Nobel de Economia, Edmund Phelps, como a economia mais bem preparada para enfrentar a crise econômica. Pode-se chamar isso de crise política para os países que dominaram o sistema internacional, do ponto de vista político, militar e econômico, durante décadas e talvez até séculos (alguns desses mesmos países já estavam no Congresso de Viena, em 1815). De modo que este é um processo de reconstrução do sistema mundial.

Estamos diante de um processo de construção nacional, de enfrentamento de grandes desafios internos. O primeiro deles é a realização do potencial brasileiro. Se fizermos uma lista dos dez maiores países do mundo em território, população e produto interno bruto, somente três países estariam nessas três listas simultaneamente: os Estados Unidos, a China e o Brasil. O potencial

brasileiro está muito longe de ser plenamente utilizado. Esta é uma tarefa de construção nacional extraordinária, a construção da infra-estrutura, tanto no seu aspecto físico, mas também da infra-estrutura humana: transformar e qualificar a massa da população brasileira, a enorme massa da população brasileira excluída, e o sistema empresarial brasileiro.

O segundo desafio é a superação das vulnerabilidades externas. Do ponto de vista político, até hoje não fazemos parte - apesar de estarmos nos aproximando - dos principais mecanismos de decisão política do sistema internacional. Temos ainda certa vulnerabilidade militar e uma vulnerabilidade relativa no campo econômico-tecnológico, devido à insuficiência de produção tecnológica. Aliás, no campo científico tivemos ontem a notícia de que o Brasil passou de 15º para 13º lugar dentre os países de maior produção científica, o que foi um feito extraordinário. Isso infelizmente não ocorre no campo das patentes, que se refere à transformação do conhecimento científico em conhecimento tecnológico.

O terceiro desafio refere-se à superação das disparidades. Não vou entrar em detalhes sobre isso, porque, diante do Presidente Lula, seria inadequado. Todos sabem que a grande luta da sociedade brasileira é contra as disparidades sociais, a começar pelas disparidades regionais, as disparidades entre o campo e a cidade, as de natureza de gênero, de origem étnica, as disparidades de renda e, mais do que de renda, de propriedade. As disparidades de propriedade são muito mais agudas do que as disparidades de renda, muito mais agudas.

Finalmente, há a construção da democracia, uma democracia em que a participação do povo seja mais efetiva, mais ampla, que é um desafio muito grande para a sociedade brasileira.

A política externa se define diante desses desafios internos e também de desafios externos. Vivemos uma época de grande expansão dos interesses nacionais no exterior, a começar pelo comércio. Houve uma extraordinária diversificação comercial em direção à África, aos países árabes, como fruto da política externa, das numerosas viagens do Presidente da República, do Ministro de Estado e de outros ministros ao continente africano, também aos países árabes, aos países da Ásia. Há uma enorme diversificação das exportações brasileiras, além de um enorme crescimento em termos absolutos no total do comércio. Essa diversificação é extremamente importante porque reduz a nossa vulnerabilidade econômica. Ao mesmo tempo, uma extraordinária e desafiante expansão dos investimentos brasileiros, na América

do Sul, mas também em outras regiões, na Europa, em alguns países árabes, na Ásia.

Um desafio recente são as migrações, o fato de que hoje existem cerca de quatro milhões de brasileiros no exterior. Isso cria uma questão também política e econômica, além do aspecto humano e social. A participação das remessas desses brasileiros é extremamente importante para o equilíbrio do balanço de pagamentos do Brasil.

Outra questão importante para a política externa são as assimetrias regionais, a assimetria crescente entre o Brasil e os países vizinhos. Este é um fato gerado pelas próprias dimensões territoriais e econômicas do Brasil, pela diversidade do seu parque produtivo. É um desafio que se revela nos desequilíbrios comerciais, no fato de haver muito mais investimentos brasileiros nos outros países do que desses países sul-americanos no Brasil. Essa preocupação está na base da política que vem sendo executada: o reconhecimento dessas assimetrias, que antes não eram reconhecidas, e o tratamento generoso, fruto da responsabilidade que o Brasil tem em relação aos países vizinhos, como o Presidente costuma dizer. Somos o país com o maior número de vizinhos no mundo - depois da China e da Rússia, que têm, cada um, 14 países vizinhos; o Brasil tem 10. Esse fato traz grande complexidade para a política externa que os senhores, formandos do Instituto Rio Branco, terão de conduzir no futuro. Será um desafio maior do que o de hoje.

Há, ainda, o desafio de luta pela desconcentração de poder. O sistema internacional se caracteriza por uma extraordinária concentração de poder, tanto político, quanto econômico, tecnológico e militar. Essa luta se manifesta, por exemplo, na candidatura brasileira ao Conselho de Segurança das Nações Unidas, na participação do Brasil como parte do G-5 junto ao G-8, na criação do Foro IBAS de coordenação com a Índia e com a África do Sul, para, justamente, articular alianças com os grandes Estados da periferia na sua ação de desconcentração de poder. Essa luta pela desconcentração de poder também se verifica no campo econômico, como foi a atuação G-20 comercial, na Rodada de Doha da OMC. Pela primeira vez, os países em desenvolvimento conseguiram se articular para enfrentar aquilo que, normalmente, era uma decisão tomada pelos chamados "grandes países comerciantes", que negociavam entre si e nos apresentavam uma solução fechada. Os países em desenvolvimento não tinham outra opção, senão aceitar aquela solução. A criação do G-20 e o próprio fato de a rodada não ter

terminado - poderia ter terminado, se o Brasil e os demais países em desenvolvimento tivessem aceito as propostas feitas pelos países desenvolvidos - mostram essa mudança. O G-20 financeiro é outro exemplo: pela primeira vez na história, os países em desenvolvimento estão tendo participação destacada na reorganização do sistema financeiro internacional.

Finalmente, um grande desafio da política externa - que tem relação com os outros que mencionei - é a questão da normatização das relações internacionais, a criação de normas internacionais. Essas normas podem ser mais ou menos favoráveis ao Brasil, nos diversos campos de negociação. A política externa luta para que haja uma normatização favorável ao desenvolvimento econômico brasileiro. Isso se reflete nas negociações ambientais, por exemplo, e nas outras negociações que mencionei. As normas devem ser favoráveis ao desenvolvimento da sociedade brasileira e à superação dos seus desafios internos. Em resumo, esses são os grandes desafios que os senhores têm pela frente nos próximos 40 anos de sua carreira.

Gostaria, finalmente, de agradecer mais uma vez esta homenagem - como disse, considero que é uma homenagem à política externa conduzida pelo Presidente da República e pelo Ministro Celso Amorim - e dizer que é, para mim, uma satisfação muito grande estar aqui com os senhores, com todos os colegas, com o Presidente da República, e lembrar que recebi meu diploma do Instituto Rio Branco das mãos do Presidente João Goulart, na presença do Embaixador Araújo Castro, que era Ministro de Estado na época, e do paraninfo da minha turma, que era San Tiago Dantas - San Tiago Dantas estaria feliz aqui.

Muito obrigado.

# Discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Celso Amorim

Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva
Nossa querida Primeira-Dama, Marisa Letícia,
Ana, minha mulher,
Senhor Secretário-Geral das Relações Exteriores e Paraninfo, Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães,
Senhor Diretor-Geral do Instituto Rio Branco, Embaixador Fernando Guimarães Reis,
Embaixadoras,
Embaixadores,
Jovens colegas,
Familiares dos formandos da Turma Villa-Lobos,
Senhoras e senhores,

Quero iniciar minhas palavras juntando-me à homenagem dos formandos ao Secretário-Geral do Itamaraty, escolhido como Paraninfo desta turma. O Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães é um dedicado diplomata - dos mais talentosos e criativos, e também um grande professor, como demonstrou hoje de maneira sintética e objetiva. É um amigo com quem trabalhei em muitas ocasiões. Enfrentamos algumas lutas juntos desde a tentativa pioneira de planejamento político no Itamaraty, então sob a batuta de um grande diplomata, Paulo Nogueira Batista, até a batalha pela dignidade cultural do

País e pela liberdade de expressão na Embrafilme, em pleno governo militar. Como Secretário-Geral, tem sido protagonista de inúmeras das mudanças na Casa. A indicação de Samuel, meu querido amigo, como paraninfo da Turma 2006-2008 do Instituto Rio Branco - uma turma histórica - não poderia ser mais feliz.

A escolha do imortal Maestro Heitor Villa-Lobos como patrono faz jus a um dos nomes mais importantes da nossa cultura. O gênio de Villa-Lobos sintetiza muito do que aspiramos: a valorização da brasilidade aliada à universalidade do ser humano.

Não pretendo me estender, mas gostaria de fazer uma breve referência ao excepcional momento por que passa a inserção internacional do Brasil. Não me recordo nesses meus 46 anos de atividade diplomática -na realidade não eram 44, como disse outro dia um jornal ao dizer falsamente que eu iria para a Agência Internacional de Energia Atômica-, não me recordo de outro momento em que o Brasil desfrutasse de tanto prestígio e estivesse tão presente nas grandes decisões internacionais.

Essa nova realidade tem muitas causas. Uma delas tem origem nas próprias mudanças por que passa o sistema internacional. Outra, e mais importante, tem a ver com a intensa atividade diplomática colocada em marcha pelo Governo do Presidente Lula. Tem a ver também, e muito, com o carisma pessoal do Presidente.

Este não é o momento de fazer balanços e avaliações. O seu Governo, Presidente Lula, o nosso governo, ainda está destinado a importantes realizações no ano e meio, ou pouco mais, que ainda tem pela frente.

Mas é impossível olhar para trás e não ver o muito que foi feito: a integração sul-americana que culminou no Tratado da UNASUL; sua expansão para toda América Latina e Caribe, com a Cúpula de Sauípe e a criação da CALC; a aproximação com o continente africano, com os países árabes, com a Ásia, com todo o mundo em desenvolvimento; a liderança na operação de paz da ONU no Haiti; a formação do Fórum IBAS (Índia-Brasil-África do Sul); a criação e coordenação do G-20 na OMC; o aproveitamento de oportunidades como a dos BRICS.

Todas são iniciativas diplomáticas que contribuíram para elevar o Brasil à condição de país de influência reconhecida - e mesmo buscada - no concerto das nações. Algumas destas iniciativas foram tomadas depois de detalhada e minuciosa reflexão, outras o foram necessariamente no calor dos embates e das negociações (como o do G-20 da OMC), mas sempre com a mesma

inspiração de busca de um mundo mais justo e de afirmação do nosso país. Ao debruçar-me sobre elas, recordo-me do verso de uma canção que se tornou um hino de liberdade: "quem sabe faz a hora não espera acontecer". O seu Governo, Presidente Lula, em matéria de política externa, como em outras tantas, não espera acontecer.

O mundo está mudando. O mundo quer mudar. E o Brasil é partícipe e agente dessa mudança.

A redistribuição do poder nas relações internacionais já está em curso. Países em desenvolvimento querem construir uma ordem mais justa, democrática e conducente ao progresso econômico-social.

Com a crise financeira internacional, muito bem lembrada aqui pelo Embaixador Samuel, dogmas caíram, falsas certezas desmoronaram. O oligopólio de países ricos e/ou nuclearmente armados já não é sustentável. Hoje, o Presidente Lula é "o cara" e o Brasil é "o país".

As instituições globais precisam refletir a realidade contemporânea. No campo financeiro, o G-20 já está consolidado como fórum privilegiado de discussões sobre a regulamentação do sistema financeiro internacional. No plano político, a reforma das Nações Unidas com o objetivo de tornar as tomadas de decisão, principalmente no Conselho de Segurança, mais legítimas e eficazes, é um processo longo, difícil, mas inexorável.

Senhoras e Senhores,

O Dia do Diplomata deste ano coincide com a formatura da primeira turma decorrente da ampliação dos quadros do serviço exterior. No dia de sua posse, esta era a maior turma que o Instituto Rio Branco jamais formara. Trouxe para a Casa exatamente cem novos diplomatas.

Com a orientação do Presidente Lula de criar 400 novas vagas, ampliamos nosso serviço diplomático em 40%. Eram cerca de 1.000 diplomatas brasileiros em 2005. Neste ano, seremos 1.400. O acréscimo foi mais que oportuno: foi necessário. Na realidade, foi pouco.

Se nós formos olhar em volta de nós e pensarmos o que fazem outros países, não para termos como modelo, mas como referência, o que às vezes é útil, o Governo do Presidente Obama acaba de tomar uma decisão semelhante, em termos proporcionais idêntica, de aumentar em 40% o quadro de diplomatas. Só que no caso deles, eles passam de 10.000 para 14.000.

A ampliação da malha diplomática, com novas Embaixadas na África e no Caribe e Consulados para atender as comunidades brasileiras tem que ser acompanhada, nos próximos anos, por um aumento expressivo e contínuo nos quadros diplomáticos. Temos que ter um serviço exterior equipado em qualidade e quantidade para lidar com os desafios da realidade internacional contemporânea. Não basta que nossos argumentos sejam justos. É preciso termos porta-vozes de nossa mensagem, com qualidade e em número suficiente. Por isso, a reforma e a ampliação dos quadros do Itamaraty devem continuar.

No Dia do Diplomata, a Chefia da Casa recebe oficialmente, com a presença honrosa do Sr. Presidente da República, a geração de jovens que se ocupará da lide diária da política externa.

A cerimônia de formatura é um rito de passagem. Representa simbolicamente a incorporação plena dos funcionários ao serviço público federal e à Casa de Rio Branco.

Quando a minha geração - que é também a geração do Embaixador Samuel e do Embaixador Fernando Reis - ingressou no Itamaraty, vivíamos dias de esperança. O Brasil ensaiava os primeiros passos no sentido de romper uma inserção internacional tímida, atrelada a uma visão do mundo e de nós próprios, que nos deixava em posição de consentida subordinação. A Política Externa Independente de Afonso Arinos e San Tiago Dantas, impulsionada por Jânio Quadros e por João Goulart, buscava superar um complexo de inferioridade, proveniente do passado colonial, institucionalmente já distante, mas que se fazia sentir nos planos econômico, cultural e político.

O Brasil de hoje que vocês estão herdando é muito diferente. A geração de vocês deixou para trás as sombras da ditadura militar e as cadeias da desigualdade. É uma geração que pode orgulhar-se do país. Um país que enfrenta com determinação e sem pruridos ou falsas vergonhas suas mazelas e dificuldades internas e age com desassombro nos fóruns internacionais.

O Itamaraty, a Casa de Rio Branco, a nossa Casa, a sua Casa, está muito feliz em poder acolher cem novos colegas aptos e dispostos a defender os interesses e valores brasileiros no mundo.

Muito obrigado.

# Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva

Minha querida companheira Marisa,

Meu querido companheiro Celso Amorim, Ministro das Relações Exteriores,

Embaixatriz Ana Maria Amorim,

Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, nosso querido Secretário-Geral das Relações Exteriores e paraninfo da Turma Villa-Lobos,

Embaixador Fernando Reis, Diretor-Geral do Instituto Rio Branco,

Secretário Marcos Vinícius Moreira Marinho, na pessoa de quem cumprimento os formandos da Turma Heitor Villa-Lobos,

Senhoras e senhores familiares dos formandos,

Senhoras e senhores diplomatas,

Amigos e amigas,

Antes de ler o meu discurso, uma resposta ao Celso. É o seguinte: ele nem acabou de preencher as 400 vagas e já reivindicou mais. O dado concreto, Celso, é que eu penso que depois dos anos que o nosso país passou sem crescer economicamente, sem crescer socialmente, depois que o nosso país durante tanto tempo cedeu ao discurso do Estado mínimo e do mercado máximo, e que as coisas foram se deteriorando neste país, e depois que a gente começou a recuperar o papel do Estado - de o país voltar a crescer, de fazer políticas sociais, de ter mais altivez nas nossas

relações internacionais -, eu não tenho dúvida de que duas coisas vão acontecer.

Primeiro, eu mesmo tive uma lição importante, que foi a lição de garantir - pelo menos no meu governo nós não mandamos nenhum projeto de lei - que não é possível que a gente não leve em conta o tempo de carreira do embaixador. Às vezes, para chegar ao cargo máximo leva 40 anos, 38 anos, as pessoas passam esperando a vida inteira para ter um cargo importante e, quando entra um novo governo, coloca um político derrotado no lugar do embaixador. Isso parece fácil, mas eu acho que não tem nada mais importante para valorizar e motivar a carreira do que a gente garantir a fluidez do tempo que as pessoas têm que ocupar os seus cargos. Essa foi uma lição que eu tive, do primeiro para o segundo mandato.

A outra coisa é que eu não tenho dúvida nenhuma de que quem vier, a partir de 2010, com a dinâmica da política internacional brasileira, as pessoas saberão que é preciso contratar mais gente. Não precisamos chegar aos 14 mil dos Estados Unidos, até porque nós não queremos ter tanta ingerência, nós queremos apenas fazer diplomacia.

Como já está muito adiantado o horário e eu criei o projeto Fome Zero, não vou ficar aqui fazendo discurso porque... público é que nem passarinho novo, a primeira imagem que fica é daquele que deu a primeira comida para ele. Se eu fico aqui falando muito tempo, a imagem que vocês vão ter do governo não [será] a melhor possível.

Eu queria dizer para vocês algumas coisas. Eu não vou ler o meu discurso porque ele está um pouco... o Celso já falou. Acho que a mesma pessoa que escreveu o teu, escreveu o meu. Outras coisas o Samuel já falou de improviso. Eu queria dizer, sobretudo, a vocês jovens que estão se formando hoje. Certamente, vocês terão no futuro muito mais trabalho do que os nossos diplomatas têm no presente e do que muitos tiveram no passado, eu diria, mais recente também.

Em política tem uma coisa que o Brasil fez [durante] muito tempo, depois o Brasil desaprendeu, e o Brasil está aprendendo: é que não é possível nenhum interlocutor ser respeitado, se ele não se respeita. O tempo em que um diplomata brasileiro achava que o Brasil não poderia participar de nada, porque o Brasil era pequeno, porque o Brasil não tinha inserção na economia, isso acabou. A gente não tem importância pela quantidade de dinheiro que a gente tem, a gente não tem importância pela quantidade de bombas atômicas que a gente tem, a gente não tem importância apenas pela quantidade de

conhecimento tecnológico que nós temos. A gente tem importância pelo nosso comportamento e, sobretudo, pelos nossos objetivos.

Se nós traçamos um objetivo, na nossa vida e na vida de um país, de conquistar espaços políticos, nós sabemos que é preciso trabalhar, abrir espaços, porque em política ninguém dá espaço de graça para ninguém. Não esperem benevolência, não esperem que alguém vá ter reconhecimento sobre vocês, se vocês não fizerem por merecer.

E eu acho que é esse o momento que o Brasil vive. Eu posso dizer a vocês que quanto mais o Brasil tiver importância no cenário político mundial, mais humildade vocês precisam ter. A arrogância estará falida na diplomacia de um país como o Brasil, até porque não faz parte da nossa índole, não faz parte das características do povo brasileiro a arrogância - se bem que temos - nós também não somos imunes.

Mas o grande trabalho que vocês terão pela frente é o trabalho de consolidar o que nós começamos a fazer. Não pensem que foi fácil recuperar o Mercosul, não pensem que foi fácil a gente derrotar a idéia da Área de Livre Comércio, a Alca, que os Estados Unidos queriam impor ao Brasil na década de 90. Não pensem que foi fácil construir a Unasul, não pensem que foi fácil a gente fazer muitas das coisas que nós queríamos fazer.

Eu vou contar um dado para vocês, sem nenhuma arrogância, [sobre] o G-8 do ano passado. Eu fui a Berlim no ano retrasado. Quando nós tivemos uma reunião do G-5 (China, Índia, Brasil, [México] e África do Sul) nós aprovamos um documento. Chegamos em Berlim, nós fomos para a mesa e eu fui o orador do G-5. Entreguei o documento para a Angela Merkel e ela concordou com o meu documento: "Não, o G-8 aceita o seu documento". Eu disse: minha querida, o teu documento é antagônico ao meu, como é que você aceita o meu assim? Ou seja, eles não falam a mesma língua. [Eu disse]: vocês estão dizendo uma coisa e nós estamos dizendo outra. Aí eu comuniquei que eu não iria mais ao G-8. É um cafezinho muito caro. Pegar um avião daqui para Berlim para fazer aquela reunião que a gente fazia... Sempre é importante, porque tem uma relação de conhecimento, você sempre conversa com alguém. Mas o dado importante é que eu disse que não ia mais, comuniquei ao Celso que não ia mais, que não dava para fazer uma reunião, digo, uma viagem de 12 horas para chegar lá, ficar 10 minutos em uma reunião [em que] eles já tinham decidido tudo, já tinham elaborado tudo. Eles podem continuar fazendo a reunião deles, mas eu não sou obrigado a ir.

Bem, a partir desse momento - tínhamos combinado isso com a Índia, que também disse que não iria mais; com a China, que também disse que não iria mais - a partir daí, o G-8 começou a mudar, e já começou a se fazer o discurso de que não tinha mais nenhuma razão de ter G-8, era preciso ter G-13 ou G-14. De vez em quando eles arrumam um país a mais para colocar, e como nós somos como coração de mãe, quanto mais arrumar, mais a gente aceita, vai colocando... Nós não temos preconceito de entrarem mais países. O dado concreto é que o G-8 já não é mais G-8, o G-13 não é mais G-13, o G-14 não é mais G-14.

O dado concreto, depois da reunião de Londres, do G-20, é que o que ficou configurado de articulação política mundial que pode decidir, em momentos de crise, é exatamente o G-20. Vejam que nós demos um passo extremamente importante. Eu ouvi um discurso do Obama, Celso, que me chamou a atenção, lá, em uma das reuniões. Ele disse o seguinte: "antigamente era fácil tomar decisões em políticas internacionais. Por exemplo, Roosevelt e Churchill se sentavam em torno de uma mesa, tomando uma bebida quente, e tomavam decisões para o mundo inteiro". Hoje, não é mais assim. Hoje nós temos que saber a diversidade de países importantes que tem, a diversidade de países que têm importância econômica, tecnológica, militar, diplomática. O mundo está muito mais complicado do que naquele tempo. Portanto, é preciso mais paciência, mais perseverança e mais vontade de fazer as coisas para que elas aconteçam.

Eu me lembro que quando nós entramos aqui, nós tínhamos muito mais animosidade histórica com a Argentina, do que animosidade na prática. Era muito preconceito contra algumas coisas. Contra a América do Sul, contra a América Latina, contra países pequenos, muito preconceito contra a África. A nossa cabeça raciocina onde os nossos pés pisam. Se um de vocês, recém-formado, for trabalhar em Moçambique, daqui a oito meses quando vocês vierem fazer a primeira visita ao Itamaraty, vocês estarão falando exatamente a linguagem do povo de Moçambique, aquilo que eles pensam. Vocês estarão vendo o mundo, mais ou menos, de onde eles vêem o mundo. Mas se vocês forem para Paris vocês estarão vendo também, de lá, o restante do mundo. Essa compreensão de que a cabeça pensa onde os nossos pés pisam não pode valer para a diplomacia brasileira. A nossa cabeça tem que ser mais ampla, mais arejada, e saber que poucos países do mundo têm a inserção que nós poderemos ter, pela simpatia que tem. E vamos reconhecer aqui: uma coisa é pela competência do Itamaraty, uma coisa é pelo centro de

excelência que é o Itamaraty. Mas as pessoas já vêem o Brasil com simpatia pelo futebol. Cada jogador desses, famoso no mundo, virou um representante do Brasil em parte do mundo. Nós somos conhecidos pelo samba, os nossos mulatos e as nossas mulatas já são um pouco da cara da gente. As pessoas vêem a gente com essa leveza que não vêem um americano, que não vêem um russo, que não vêem um chinês. Essa é uma vantagem comparativa do Brasil, no meu modo de ver. Juntando tudo isso à competência do [Instituto] Rio Branco, nós então viramos esse centro de excelência que nós somos hoje no mundo.

Eu, como leigo, posso dizer para vocês que poucas vezes eu vi diplomacia tão respeitada e admirada quanto a brasileira, elogiada em qualquer país do mundo. E não falo isso agora porque sou presidente, não. Eu e o Marco Aurélio viajamos muito, e essa é a vantagem de quem perde muitas eleições para presidente, e eu perdi três. Eu viajava muito o mundo e em cada lugar que nós chegávamos o Brasil era elogiado pela excelência da nossa diplomacia. Se a gente juntar essa excelência de conhecimento teórico da nossa diplomacia com o forte conteúdo político - eu não vou contar aqui a pergunta que se fazia para alguns alunos, não. Eu vou... se tem pistolão? Não vou contar isso aqui porque tem jornalista aí.

Eu acho que nós vivemos um momento de ouro. Obviamente que todos nós ficamos lisonjeados com a quantidade de elogios. Eu acho que o Brasil, nesses últimos 45 dias, teve mais artigos escritos favoravelmente ao Brasil no mundo inteiro, do que nos últimos 100 anos. Como eu não leio em inglês... mas eu já não aguento mais receber a Newsweek, já não aguento mais... Agora, prestem atenção: se algum diplomata brasileiro achar que porque o El País, o Le Monde, o New York Times e tantas outras "times" por aí estão falando bem da gente, [isso] é motivo de a gente ficar presunçoso, tome cuidado porque a gente quebra a cara. A gente também não pode trabalhar com a ilusão dos elogios. Por conta de elogios, um homem levou um império à decadência total, que foi o nosso amigo Gorbachev, que saía todo dia na imprensa brasileira, na primeira página. Eu já conhecia mais a mancha da testa dele do que o Marco Aurélio Garcia, porque era Folha, era Estadão, era Globo, era em todo jornal do mundo. [Quando] você começa a acreditar muito nisso e para de olhar o teu chão, você começa a fazer política a partir dos elogios e esquece a realidade. Aí é o caminho do fracasso.

Então, eu queria dizer para vocês, para terminar, que vocês estão começando, possivelmente, uma das carreiras mais brilhantes que um ser

humano quer trilhar. Ou seja, a carreira de um homem, de uma mulher, que aceita a responsabilidade de morar nem sempre em lugar confortável, nem sempre em países que têm todas as condições do mundo. Eu conheço o nosso pessoal de países africanos, e eu sei que a situação é muito delicada, sei. Mas esse é um aprendizado também, e uma coisa extraordinária que ajuda na formação do caráter e da qualidade do diplomata brasileiro. Se todo mundo quiser ir só para Paris, só para Londres, só para... aí, não tem espaço para todo mundo.

É preciso que haja essa compreensão de que nós vamos abrir mais embaixadas, de que nós vamos ter mais funcionários, de que nós vamos ter mais inserção no mundo, e muito disso vai depender do trabalho de vocês. Eu não tenho dúvida nenhuma de que eu tenho hoje, depois de conhecer esta Casa um pouco mais, depois de conviver com tanta gente extraordinária, eu não tenho dúvida de dizer para vocês que vocês entraram em uma das carreiras mais brilhantes que este país tem, e entraram em uma Casa que é um centro de excelência, não apenas de competência profissional mas, sobretudo, de responsabilidade em defesa da soberania do nosso país.

Por isso, eu quero desejar a todos vocês toda a sorte do mundo. Aos familiares, que tenham paciência, porque muitas vezes vão ficar meses sem ver o filho, meses sem ver a filha. Eles vão logo, logo, se engajar, porque agora acabou aquela moleza do cidadão se formar e ficar aqui o tempo inteiro porque não tinha para onde ir. Porque se não tinha embaixada, você ia mandar para onde? A nossa idéia é de abrir mais embaixadas para que a carreira de vocês possa fluir com muito mais rapidez e para que a gente possa ganhar, enquanto nação, cada vez mais respeitabilidade no mundo.

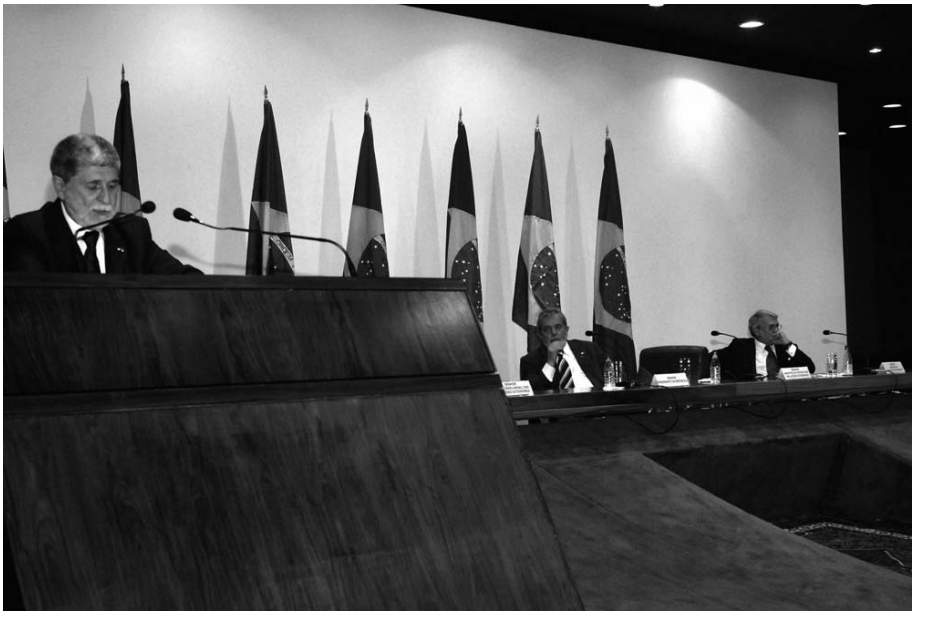
Que Deus abençoe todos vocês.

Um abraço.

O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao lado do Ministro de Estado, Embaixador Celso Amorim, na cerimônia de formatura do IRBr.

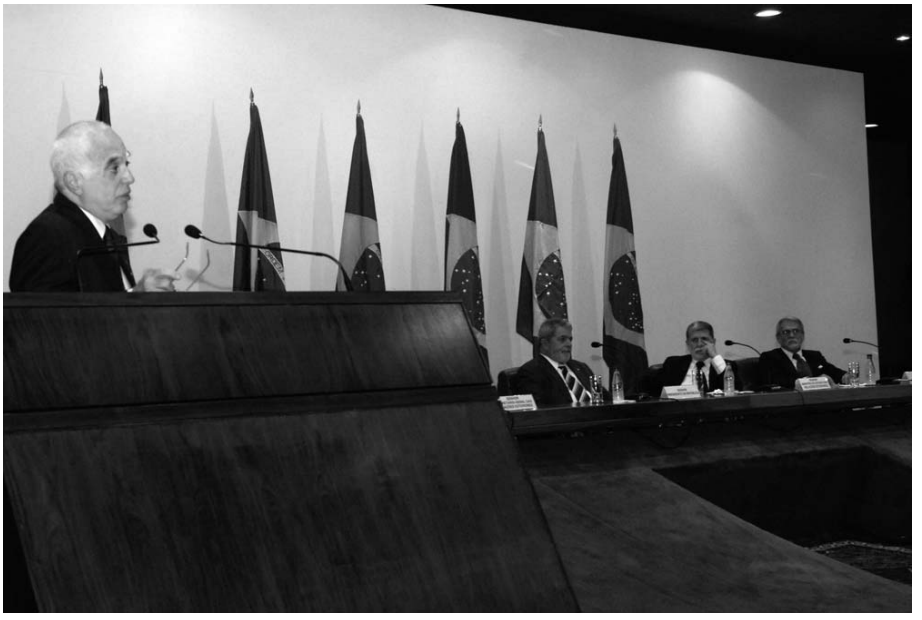
O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva discursando ao público presente na cerimônia de formatura do IRBr.

Ministro de Estado, Embaixador Celso Amorim, discursando ao público presente na cerimônia de formatura do IRBr.



O Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Celso Amorim, discursando ao público presente na formatura da Turma Heitor Villa-Lobos.

O Secretário-Geral ao lado do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de formatura do Instituto Rio Branco.



O Secretário-Geral discursando ao público presente na cerimônia de formatura do Instituto Rio Branco.

Cumprimentos aos novos Diplomatas

| | |
|---|---|
| *Formato* | *15,5 x 22,5 cm* |
| *Mancha gráfica* | *12 x 18,3cm* |
| *Papel* | *pólen soft 80g (miolo), duo design 250g (capa)* |
| *Fontes* | *Times New Roman 17/20,4 (títulos),* |
| | *12/14 (textos)* |